

**MIGUÉIS, José Rodrigues — É Proibido Apontar. Reflexões de um Burguês. Lisboa, Estúdios Cor. 1964, 210 pp.**

O A. de Leah reúne na obra em epígrafe, artigos que denotam o encaminhamento do espirito para um outro campo: o do ensaísmo associado à ficção. Trata-se aqui da apresentação de algumas idéias de um burguês acêrca de uns tantos problemas importantes e, às vêzes, esquecidos pela criatura humana. Os assuntos levantados giram em tórno da infância do estudo da sua psicologia, dos contrastes e oposições entre o herói e o mártir, a paz e a guerra e outros.

O livro capta momentos incomuns na vida de um pobre burguês, o Mariano-Artur, pois abandona os seus interêsses econômico-financeiros e sociais e passa a refletir acêrca dos verdadeiros valores da vida. O encaminhamento dêsse burguês para o campo das reflexões, marca, como assinala o A., a destruição do burguesismo. Diz J. R. M., a certa altura do prefácio, a respeito de sua personagem:

“Este Artur não é nenhum Fradique, nem dândi cosmopolita mas um burguês pacato, tímido e contraditório, a quem apoquentam problemas ora comezinhos ora transcendentés. Não lhe levem a mal que reflita, nem se riam dêle: na reflexão está o começo e o fim de tudo, talvez a sua própria desintegração”. (p. 8).

Portanto, para o A. quando o burguês parte para um processo reflexivo, começa a inquietar-se por alguns problemas, e rompe o equilíbrio, estabelecido pela inércia. A reflexão é início e fim de processos completamente opostos.

A personagem criada por J.R.M. e aqui estamos num plano da ficção, coloca problemas de realidade candente de tal modo que esta obra participa de duas direções do espirito: a criação e a revelação de uns dados da realidade, tudo isto através do modo como o burguês Mariano-Artur apreende certos aspectos da vida.

O A. está, neste particular, perfeitamente consciente do sentido da

sua obra e do sentido de sua personagem, e isto nos é confirmado, por outra afirmação, proposta no prefácio à obra, importante de todos os modos para sabermos das intenções e daquilo que realmente conseguiu realizar o A.:

«Por ora, direi só que se trata de um personagem de ficção — não da pura e desinteressada, mas daquela que guarda os indeléveis resíduos da experiência e idealidade do autor. Inventei-o, e êle passou a viver a sua própria vida». (p. 7).

Esta personagem, Mariano-Artur, nos é apresentada como uma criatura extremamente sensual, desde o primeiro capítulo do livro: "Apetece-me!". Esta sensualidade reside no que é preocupação constante com as mulheres, nas suas reacções, numa cidade agitada como é Lisboa. Esta exaltação sensual marca uma espécie de delírio, da qual a criatura humana corda, quando repentinamente se volta para alguns dos inúmeros dramas que se desenrolam na cidade grande e que para nós são anónimos.

Desta experiência, o burguês parte para outras preocupações, por exemplo, com o modo de vestir, assinalado com grande finura e psicologia no artigo "O Fato Coçado", onde também em determinado momento, brota a sensibilidade do burguês.

Em outras crónicas, o A. assinala temas importantes que residem especialmente numa compreensão crítica de nossas ações com relação às crianças. Os adultos, por não compreenderem ou por não terem tempo para pensar no assunto, tratam com extrema severidade as crianças. Isto nos é mostrado no capítulo que dá o nome ao livro, "**E Proibido Apontar**", onde J.R.M. assinala como a incompreensão dos pais com relação aos anseios das crianças, de aprender alguma coisa (elas são naturalmente curiosas), pode afogar, recalcar certas ânsias, muito comuns nas crianças. Reside aqui uma das maiores doses de humanidade do autor que se transmite ao burguês, que na obra compreende a justificada ânsia e prazer que as crianças têm de aprender. Há certos tipos humanos em que a ignorância gera a errada idéia de que tudo é pecado, é êrro:

"Conversam. E nisto a menina aponta para fora, para a estátua do Libertador, para o sol distante, as pombas da praça talvez para uma janela onde qualquer coisa lhe atraiu a atenção: e a mão lívida, burocrática, pergaminácea do cidadão — papa estende-se num jeito de polvo a abaixar-se severamente o dedinho indiscreto.

**É proibido apontar!**

O funcionário olha em redor, através das lunetas desconfiadas de azul, não tenha alguém reparado no gesto da filha (ou no dêle?).

Era eu pequeno, para reprimirem em mim uma espontânea e justiceira tendência acusadora, o desejo de inquirir sem reservas. apontando, ensinaram-me que em certa igreja, ao erguer o dedo para um santo em seu nicho, ficara um homem com a mão sacrílega cortada resvés. Apontar é pecado, é tabu!" (pp. 43-44)

O defeito do burguês apontado aqui, reside especialmente em que êle recebeu as coisas por imposição e transformou em dogmas, pois não refletiu, para destruir aquilo que seu espírito refletidamente não aceitava.

Em outros artigos, verdadeiramente crônicas, J.R.M. estuda problemas como a paz e a guerra, e com relação ao assunto, estabelece a diferença entre morrer herôicamente no campo de batalha ou humildemente esquecido num hospital ou em casa. Enfim, chega a algumas conclusões acêrca do problema de morrer mais ou menos honrosamente.

Em outra crônica, J.R.M. estuda a oposição entre o mártir e o herói, a passividade do primeiro, a atividade do segundo, a impressão de santidade de um e a compreensão da imperfeição humana de outro. Toma evidente oposição em favor do herói, que compreende e valoriza a luta humana e não é narcisista (a ver do A.) como o mártir.

Em outras crônicas, o A. reúne análises da vida norte-americana, especialmente no que tange a psicologia dos jovens, dos dois sexos, sua aproximação para o casamento. Enfim, estuda a problemática do amor nos Estados Unidos.

Ainda em outros trabalhos, o A. exalta o valor do português dentro da problemática histórica dos Estados Unidos e discute em "Metropolis" a relação entre o progresso científico e a felicidade, acolhendo a posição de que, sem dúvida, a evolução científica concorreu para o maior bem estar e para a felicidade da criatura humana.

Concluindo, J.R.M. em **É Proibido Apontar**, nestes artigos, verdadeiras crônicas, reunindo composições de revistas, especialmente da *Secara*

**Nova**, desde 1927 até 1947, conseguiu o seu desiderato que seria aliar a ficção ao ensaio acêrca de problemas reais. Por outro lado, o trabalho é importante, pois explica até certo ponto, alguns problemas da ficção, especialmente do romance e do conto de J.R.M.

Uma obra que nos desperta para inúmeros problemas fundamentais da criatura humana e que por isso mesmo recomenda-se àqueles que querem encontrar na ficção, alguns problemas que os façam crescer humana e culturalmente .

JOÃO DÉCIO